

# O LUGAR DO SILÊNCIO NA CULTURA DIGITAL: ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO DO CATOLICISMO ROMANO

THE PLACE OF SILENCE IN DIGITAL CULTURE: ANALYSIS OF  
THE RELIGIOUS DISCOURSE OF ROMAN CATHOLICISM

EL LUGAR DEL SILENCIO EN LA CULTURA DIGITAL:  
ANÁLISIS DEL DISCURSO RELIGIOSO DEL CATOLICISMO  
ROMANO

## ABIMAR OLIVEIRA DE MORAES

● Doutor em Teologia Pastoral e Catequética pela Pontificia Università Salesiana (Roma). Professor Associado 1 da PUC-Rio. Coordenador Adjunto dos Programas Acadêmicos da Área Ciências da Religião e Teologia.

## ANDRÉIA DURVAL GRIPP SOUZA

● Doutora em Teologia Sistemática Pastoral pela PUC-Rio. Professora Agregada 2 da PUC-Rio.

## RESUMO

Vivemos em um mundo em tempo real, caracterizado pela cultura digital e marcado pelo excesso de informação. No discurso do catolicismo romano, duas realidades se complementam: o silêncio e a palavra. A Palavra remete à Deus, que rompe o silêncio para revelar sua obra no mundo, expressa em libertação, salvação, cura, ação transformadora e justiça. No entanto, Deus também é silêncio. Um silêncio que transcende as palavras humanas, uma vez que, não pode ser plenamente representado por elas. O objetivo deste artigo é realizar uma releitura desse paradoxo à luz da cultura digital, buscando uma presença plena no ambiente criado pelas novas tecnologias de comunicação. Para tal, utilizamos o método de revisão bibliográfica. Concluimos que o mundo digital, com suas plataformas e redes sociais, constitui um espaço de existência que oferece inúmeras possibilidades, ao mesmo tempo em que provoca transformações no ser humano, representando uma realidade contemporânea que apresenta desafios ao discurso religioso.

**Palavras-chave:** Teologia Prática; Catolicismo Romano; Comunicação; Cultura Digital; Silêncio.

## ABSTRACT

We live in a real-time world, characterized by digital culture and marked by an excess of information. In Roman Catholic discourse, two realities complement each other: silence and the word. The Word refers to God, who breaks the silence to reveal His work in the world, expressed through liberation, salvation, healing, transformative action, and justice. However, God is also silence. A silence that transcends human words, as it cannot be fully represented by them. The aim of this article is to reinterpret this paradox in the context of digital culture, seeking a fuller presence within the environment shaped by new communication technologies. A literature review method was employed for this purpose. We conclude that the digital world, with its platforms and social networks, represents a space of existence that offers numerous possibilities while simultaneously bringing about transformations in human beings, constituting a contemporary reality that presents challenges to religious discourse.

**Keywords:** Practical Theology; Roman Catholicism; Communication; Digital Culture; Silence.

## RESUMEN

Vivimos en un mundo en tiempo real, caracterizado por la cultura digital y marcado por el exceso de información. En el discurso del catolicismo romano, dos realidades se complementan: el silencio y la palabra. La Palabra remite a Dios, quien rompe el silencio para revelar su obra en el mundo, expresada en liberación, salvación, curación, acción transformadora y justicia. No obstante, Dios también es silencio. Un silencio que trasciende las palabras humanas, ya que no puede ser plenamente representado por ellas. El objetivo de este artículo es realizar una relectura de esta paradoja a la luz de la cultura digital, buscando una presencia plena en el entorno creado por las nuevas tecnologías de la comunicación. Para ello, utilizamos el método de revisión bibliográfica. Concluimos que el mundo digital, con sus plataformas y redes sociales, constituye un espacio de existencia que ofrece innumerables posibilidades, al mismo tiempo que provoca transformaciones en el ser humano, representando una realidad contemporánea que presenta desafíos al discurso religioso.

**Palabras clave:** Teología Práctica; Catolicismo romano; Comunicación; Cultura Digital; Silencio.

## INTRODUÇÃO

Vivemos numa metrópole global, onde as relações humanas estão marcadas pela velocidade, pela lógica do espetáculo e do mercado. Trata-se de uma democracia das bases, com grande oferta de ambientes e instrumentos para que os habitantes desta *urbe* digital sejam capazes de se expressar sobre os temas mais variados possíveis.

O contexto da pandemia de COVID-19, vivido pela humanidade a partir de março de 2020, trouxe a necessidade de estudarmos estas novas expressões de cidadania, possibilitadas pela cultura digital, capaz de colocar em relação conteúdos, ambientes, pertencas e instituições. Isto porque não estão ainda claras as estratégias, os objetivos, as dinâmicas e as perspectivas da dinâmica social nesse contexto. Também não temos clareza de como o discurso religioso se insere nesse novo contexto vital.

Os processos de mediação que a sociedade já estava vivendo foram potencializados durante o período da pandemia pelo necessário isolamento social. Se antes já não era possível ignorar os avanços da tecnologia da comunicação e informação, ficou ainda mais evidente que não era mais possível ignorar que o mundo estava baseado no digital e que já não vivíamos mais uma vida *online* e *offline* separadas, mas uma realidade existencial *onlife*<sup>1</sup>, num mundo em tempo real, com novas sociabilidades e sensibilidades, no qual estão em curso grandes transformações nas relações em sociedade. Paradoxalmente, estamos mergulhados num tempo de silêncios e de palavras.

Palavras, porque, são muitos os encontros, reuniões, vídeos, *lives* que potencializam a voz e o pensamento, fazendo uma pessoa chegar a muitas outras pessoas e lugares novos.

Silêncios, porque, são muitas horas passadas, dentro de casa, tendo, muitas vezes, o computador como único companheiro de jornada; ou mergulhados nas redes sociais, nos aplicativos, nos serviços digitais que dão acesso instantâneo a músicas, *podcasts*, vídeos e outros conteúdos, mas que produzem um certo tipo de isolamento do mundo circunstante.

Um excesso de informação muitas vezes difícil de assimilar em uma jornada diária de 24h, mas que não dá oportunidade ao indivíduo de parar e voltar para ver o que se perdeu na linha do tempo, porque as palavras na cultura digital se renovam e se multiplicam a cada segundo.

---

<sup>1</sup> Onlife é um neologismo criado pelo filósofo Luciano Floridi para indicar uma forma como o ser humano hoje vive em sociedade com o advento da internet e dos dispositivos móveis, em que se está conectado 24 horas, não existindo mais distinção entre o online e o offline (Cf. FLORIDI, 2014, posição 43. Tradução livre).

Sobre essa conjuntura que chamaremos de “infodemia”<sup>2</sup>, Han (2015, p. 7) afirma que constitui uma das causas, dentre outras, de enfermidades comuns no atual tempo histórico, que se desenvolvem numa perspectiva patológica neuronal, na qual se destacam doenças como a “depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) e Síndrome de Burnout (SB)”.

Escreve o autor que

[...] hoje em dia, as coisas ligadas ao tempo envelhecem muito mais rápido do que antes. Elas decaem rapidamente naquilo que é passado e fogem à atenção. O presente se reduz à ponta da atualidade. Assim, o mundo perde algo de sua duração. A causa do encolhimento do presente não é, como se assume equivocadamente, a aceleração. Antes, o tempo, como uma avalanche, lança-se adiante, porque ele não tem mais uma parada. Aqueles pontos do presente entre os quais não existiria nenhuma força gravitacional e nenhuma tensão, pois são meramente aditivos, desencadeiam uma ruptura do tempo, o que conduz ao aceleração sem direção e sem sentido (Han, 2021, p.27-28).

Esse aceleração, somado à grande quantidade de palavras transmitidas, não permitem que a pessoa seja capaz de chegar a uma conclusão. Essa falta de conclusão, gerada pela “massa de informação que se acelera sufoca, então, o pensamento” (Han, 2021, p.29). Tal processo culmina na chamada Síndrome de Fadiga por informação (IFS), que compromete a capacidade humana de pensar de forma analítica. Carecemos de silêncio. Como parte integrante do processo comunicativo, “sem ele, não há palavras densas de conteúdo” (Bento XVI, 2012).

A experiência de silêncio, portanto, apresenta-se necessária diante da complexidade midiática na qual nos encontramos. Assistimos ao crescimento de uma comunicação que é ideológica, instrumental e superficial e que, sobretudo, nos nossos dias, se transformou numa espécie de fábrica de estereótipos e numa fonte de hostilidade e violência. Por esse motivo,

---

<sup>2</sup> Infodemia é um termo que combina as palavras “informação” e “epidemia”. É utilizado para indicar o processo doentio desencadeado pelo excesso de informações que, difundidas com alguma base fundamentada ou sem critério algum, por diversos canais, torna difícil encontrar fontes confiáveis pelo excesso de conteúdo associado ao mesmo assunto (Cf. Dicionário online de Português).

assistimos perplexos como as redes sociais têm sido usadas como instrumento de propaganda política, para construção de uma opinião pública que justifica os conflitos e, até mesmo, que exaspera os conflitos. Nossos tempos foram tomados pela complexidade das “guerras civis culturais” que impedem a convivência pacífica, criam medo e insegurança. Os interesses dos diversos grupos sociais não coincidem e é muito mais fácil contrapô-los do que colocá-los a serviço de uma composição.

A título de exemplificação, lembramos do episódio daquela menina de dez anos, que veio a público em 2020, que era desde os seis anos violentada por quem deveria tutelá-la. Sua vida foi exposta selvagemmente e sem escrúpulos pelas mídias. Os adultos envolvidos no processo legal que culminou no aborto do nascituro que ela carregava em seu ventre foram recebidos por radicais cristãos sob os gritos de “assassinos”. A sociedade, perplexa, se dividia entre o sentimento de compaixão pela infância roubada e violentada, revolta contra o estuprador e a indignação pela atitude de quem protestava aos gritos, os juízes religiosos de plantão, que utilizaram suas redes sociais para propagar sua indignação com relação à prática do aborto, deixando para um segundo plano a postura de amor, empatia e solidariedade para com a menina que, naquele momento, sofria muitas violências: a física, a moral, a afetiva e, como não afirmar, a religiosa.

A cena ocorrida em frente ao hospital em que se iniciava o procedimento do aborto, divulgada amplamente pelas mídias, nos coloca diante de alguns cristãos e cristãs que deveriam lembrar-se do episódio de Jesus e da mulher adúltera, no evangelho de João 8,1-11 (Bíblia de Jerusalém, 2004, p. 1862-1863) : o dia em que Ele, que é a Palavra, fez silêncio. Um silêncio que não era omissão, não era aprovação, nem muito menos cumplicidade. À frente daquele hospital, em Salvador, num dia de domingo, do mês de agosto de 2020, o episódio do evangelho parecia estar se repropondo. Potencializados pela cultura digital, encontramos novamente todos os elementos da cena do evangelho: acusadores, feminino acusado, pedras, palavras de ódio, Deus e seus silêncios, Deus e suas palavras. Faltou, entretanto, o silêncio.

Faz-se necessária a construção de um itinerário de reflexão, onde o silêncio e a palavra possam nos ajudar a responder à pergunta: qual o lugar do silêncio na atual cultura digital e em certos discursos religiosos que nela encontramos? Como o silêncio pode nos ajudar a educar-nos em comunicação, aprendendo “a escutar, contemplar, para além de falar” (Bento XVI, 2012). Propomos neste artigo um caminho, fruto de reflexão e análise de diversos

autores. Utilizamos a metodologia de revisão bibliográfica, por considerarmos uma técnica adequada para identificar, analisar e sintetizar conhecimentos já existentes sobre o tema.

A partir desse estudo, constatamos que o termo “silêncio” remete a uma gama muito ampla de experiências e significados, chegando, até mesmo, a indicar significados que se excluem. O termo pode ser usado para indicar a incapacidade humana de comunicação como, por exemplo, na canção *The sound of silence* de Simon & Garfunkel.<sup>3</sup> Mas pode indicar, também, um imprescindível valor humano, uma condição inestimável e admirável da humanidade: vida e morte; negação da comunicação ou uma das suas expressões mais altas (Paulo VI, 1964).

Diante dessa gama de significados extremamente ampla, é preciso reconhecer a ambiguidade do termo, confiando que ele será definido pelo contexto e/ou sistema de pensamento ao qual estará vinculado. À luz dessa ambiguidade, nos limitamos a reconhecer que não existe o silêncio, mas existem muitos silêncios (Chialà, 2010). Dentre eles, o silêncio profundo, duradouro, intenso, meditativo que estabelece uma relação transcendental entre a experiência ordinária é um princípio organizador mais compreensivo, uma realidade que podemos chamar de experiência religiosa.

## SILÊNCIO E PALAVRA NO DISCURSO DO CATOLICISMO ROMANO ACERCA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Bíblia de Jerusalém, 2004, Jo 1,1, p. 1842). A compreensão da relação entre silêncio e palavra no discurso do catolicismo romano passa pela Teologia da Comunicação que, sobretudo, nos últimos anos, vem buscando elaborar.

Jesus é a Palavra do Pai e “na pessoa de Jesus, o Cristo, concentram-se e unificam-se todos os fundamentos teológicos da comunicação” (Díez, 1997, p. 211). Na Instrução Pastoral *Communio et progressio* (1971) encontramos a afirmação de que “durante a sua permanência na terra, Cristo manifestou-se como perfeito Comunicador” (CP, 1971, n. 11) e comunicava sua mensagem com a palavra e com a vida.

A Palavra rompeu o silêncio da não existência: uma “comunicação criadora, palavra eficaz” (Kunsch, 2001, p. 23). Ao romper o silêncio, o Criador inicia a Revelação, até que o Verbo

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/simon-e-garfunkel/36245/>.

divino se faz carne e, no tempo histórico, habita entre a humanidade (Bíblia de Jerusalém, 2004, Jo 1,14, p. 1843).

Os Escritos Sagrados cristãos confirmam a missão comunicativa de Jesus, como na passagem de Lucas 4, 18-19:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor (Bíblia de Jerusalém, 2004, Lc 4,18-19, p. 1795).

No texto citado fica claro que a missão comunicativa (anúncio) da Palavra está intrinsecamente ligada à obra de Deus no mundo: libertação, salvação, cura, ação transformadora e justiça, entre outras. Como continuadora da prática de Cristo no mundo, a comunidade dos discípulos recebe d'Ele uma missão que é a comunicação: “ide por todo mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Bíblia de Jerusalém, 2004, Mc 16,15, p. 1785). Nasce aí a obra comunicadora da comunidade cristã: a Palavra que rompe o silêncio e anuncia a Boa Notícia e com o seu anúncio transforma não somente a vida particular de homens e mulheres, mas a própria sociedade.

Nesta dinâmica, explica Kunsch (2001), é possível através do modelo lasswelliano<sup>4</sup> explicar o processo de comunicação do cristianismo:

Quem diz? Cristo, paradigma dos comunicadores cristãos, e seus seguidores. O quê? A boa nova, mensagem transformadora do mundo. Por que meios? Palavra e vida como meios de comunicação. À quem? Todos os povos são destinatários da boa nova. Com que finalidade? Para que tenham vida. Salvação, libertação, inculturação. Evangelho, comunicação (Kunsch, 2001, p.24).

---

<sup>4</sup> Método formulado por Harold Lasswell para estudar a Comunicação.

## O LUGAR DO SILÊNCIO NA CULTURA DIGITAL: ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO DO CATOLICISMO ROMANO

A comunidade cristã comunica e se comunica. Ao longo da história esse processo nem sempre foi lógico, do ponto de vista da comunicação social. O que propomos aqui é observar um pouco do percurso histórico do discurso do catolicismo romano.

A Igreja acompanhou a evolução dos meios de comunicação, tendo que se adaptar a eles e à sociedade que surgia a partir deles. A forma como realizou essa tarefa não foi aleatória; pelo contrário, reflete sua visão e organização, sua eclesiologia e sua posição na sociedade, porque a forma como a Igreja se comunica está intrinsecamente ligada à compreensão que tem de si mesma, sua estrutura organizacional e como se apresenta diante das estruturas sociais. Nas primeiras comunidades cristãs, a comunicação era basicamente oral e interpessoal. Os cristãos, como indivíduos, eram por si mesmos instrumentos de comunicação. O anúncio da mensagem cristã ocorria de pessoa para pessoa, promovendo o diálogo e o debate. O testemunho dos batizados era valorizado como uma maneira vital de comunicar a Boa Nova. À medida que o cristianismo cresceu e estabeleceu uma estrutura hierárquica mais formal, o modelo predominante de comunicação eclesiástica mudou para o de púlpito. A comunicação ocorria de forma unidirecional, com a autoridade religiosa proferindo a mensagem para um público que tinha pouca ou nenhuma oportunidade de interação ou debate (Moraes; Souza, 2023, p. 303).

Antes da publicação do Decreto *Inter mirifica*, do Concílio Vaticano II, na década de 60, o discurso do catolicismo romano era linear, conservador e moralista. Só quem tinha a palavra era a hierarquia constituída e reconhecida pelo Romano Pontífice. Os meios de comunicação que iam surgindo, em cada época, eram sempre recebidos com desconfiança e utilizados com prudência, autoritarismo e certa timidez. Nesse contexto, o uso da palavra visava mais a manutenção dos “bons costumes” e a defesa da moral católica do que o anúncio de uma boa nova que subverte o *status quo* da sociedade. O silêncio servia a um ideal triunfalista, de uma fé que se orgulhava de ser hegemônica.

“Mas as tecnologias não pararam de evoluir e os processos comunicativos passaram, gradativamente, a serem mais dialógicos e circulares” (Moraes; Souza, 2023, p. 303). O catoli-

cismo romano foi impelido a acompanhar essa evolução e mudar o seu discurso, porque a sociedade tornou-se mais plural. “Diante das novidades que não paravam de surgir e que, apesar dos desafios que apresentavam, abriam oportunidades para a evangelização” (Moraes; Souza, 2023, p. 303), se faz necessário articular um novo discurso comunicacional, no qual silêncio e palavra possam ser melhor articulados.

Essa é a tarefa atual: passar de um discurso autocentrado, autorreferencial e conservador para uma dinâmica de dialogicidade com uma sociedade secular, que se entende plural e autônoma, imersa numa dinâmica de vida que ultrapassa os limites do mundo físico e se expande, a cada dia mais, para a realidade digital, com suas infinitas possibilidades.

## A CULTURA DIGITAL: REDES SOCIAIS E SUAS NOVAS RELAÇÕES COMUNICATIVAS

A partir do final do século XX, começamos a assistir uma nova mudança cultural na sociabilidade por meio da *internet*: a expansão das redes sociais. Nelas, as pessoas estão se utilizando da *web* para instaurar e reforçar relações recíprocas de amizade, de parentesco, de amor, de interesses de trabalho, de empenho em causas sociais, políticas e religiosas, dentre outras. As redes sociais têm se caracterizado substancialmente por estarem focadas sobre as relações entre indivíduos. A amizade, por exemplo, é uma das relações mais importantes, senão a relação social principal.

Com o advento das redes sociais (*web 2.0*)<sup>5</sup> fomos colocados num ritmo intenso de comunicação. Conhecemos pessoas, estreitamos laços sem nos encontrarmos fisicamente, compartilhamos valores e interesses, reunimo-nos em grupos interessados num determinado tipo de argumento ou trabalho em comum. Através das redes sociais, mesmo não conhecendo a outra pessoa no mundo real, com ela nos comunicamos, dividimos nossas experiências. Tudo isso faz com que nossas relações comunicativas se transformem; e nossas relações interpessoais e expressões de nossos sentimentos sofram num processo de nova configuração. Não faremos neste artigo uma profunda análise sobre quais são as contradições e os perigos da

---

5 A Web 2.0, que representa a segunda geração da internet, aproveitou a inteligência coletiva, sendo conhecida como Rede Social. Esse ambiente de interação e participação entre usuários e desenvolvedores reúne atualmente diversas linguagens, motivações e aplicativos. Ela transformou a *internet* em uma rede de contatos sociais, proporcionando um espaço para participação e compartilhamento. Sua principal característica é ser acessível a todos, tanto para utilização quanto para construção (Souza, 2022, p. 37-39).

cultura digital. O que nos interessa é buscar entender como as redes sociais ganharam tanta notoriedade, não obstante todos saibam que o que é “postado” será elaborado e classificado em modo a nos colocar num perfil de *marketing* pronto a ser vendido para alguma agência.

Pelo que já foi exposto acerca da *web 2.0* neste artigo, é possível entender que

A maior mudança que [ela] realizou não foi em nível de tecnologia, mas em relação ao seu uso, à sua experiência e à sua interpretação. Atendem ao desejo humano de contar e ouvir histórias, compartilhar vida e ser reconhecido; de querer “ser ouvido”. As pessoas sentem necessidade de relatar a história pessoal e fazem isso, nas redes sociais, publicando situações comuns, do dia a dia, que lembram, em alguns momentos, os antigos diários, com uma diferença: agora tudo é compartilhável, nada é secreto. São consideradas redes sociais: os blogs, o YouTube, o Facebook, o Instagram, o Pinterest, o LinkedIn, o TikTok e outras plataformas colaborativas e de interação e entretenimento. Essas redes são muito voláteis e podem evoluir ao longo dos anos, ou mesmo deixar de existir, como aconteceu com o Orkut (Souza, 2022, p. 37-38).

As redes sociais nos consentem estar em contato com muitas pessoas em qualquer lugar ou hora, nos permitem criar uma rede de relações privadas e profissionais, nos autorizam a lavar a “roupa suja” em público, nos convidam a nos divertir ou solidarizar-nos com os outros, indo ao encontro da necessidade humana de relacionamento, de sentido de pertença e de cultivo de amizade. “Isso quebra com o antigo entendimento da *internet* apenas como um meio, um instrumento. As pessoas somente não se encontram por meio de uma rede social: as pessoas se encontram na rede social” (Souza, 2022, p. 38). Com tudo isso, a cultura digital está rapidamente transformando a humanidade e incidindo sobre a capacidade de silêncio, de reflexão e de produção de um pensamento abstrato e simbólico.

A criatividade humana, produzida na cultura digital, está envolta de uma habilidade técnica que, muitas vezes, não permite o exercício do silêncio e do pensamento simbólico. Ao afirmarmos isso, não queremos de modo algum lutar contra a cultura digital: ela existe e já revolucionou o nosso modo de ser e agir e possibilitou inúmeros avanços sociais.

É preciso reconhecer que a cultura digital é um fenômeno complexo e diversificado porque compreende os aspectos tecnológico, social, econômico, antropológico e comportamental. As formas de comunicação associadas às redes sociais nos estão transformando à medida em que produzem em nós novos comportamentos. As redes sociais nos roubam o tempo porque nos mantêm empenhados, sempre mais conectados, cada vez mais informados. Contudo, tal conectividade em rede não traz consigo, muitas vezes, a real sensibilidade social.

Sobre esse aspecto, o Papa Francisco discorre no capítulo 1, da Encíclica *Fratelli Tutti* (2020), quando reflete sobre “As sombras de um mundo fechado”. O Pontífice aponta a contradição de um mundo em que se reduzem as distâncias entre as pessoas, através de dispositivos móveis e relacionamentos digitais, a ponto de se perder até mesmo o direito à intimidade, mas que por outro lado, permite o crescimento de atitudes de fechamento em si mesmo, ou em bolhas sociais, que fazem crescer, também a intolerância e o preconceito.

Tudo se torna uma espécie de espetáculo que pode ser espiado, observado, e a vida acaba exposta a um controle constante. Na comunicação digital, quer-se mostrar tudo, e cada indivíduo torna-se objeto de olhares que esquadrinham, desnudam e divulgam, muitas vezes anonimamente. Dilui-se o respeito pelo outro e, assim, ao mesmo tempo que o apago, ignoro e mantenho afastado, posso despidoradamente invadir até ao mais recôndito da sua vida (Francisco, 2020, n. 42).

Carecemos de um uso mais responsável e, conseqüentemente, de uma redescoberta do silêncio que equilibre as novas relações sociais produzidas pelas redes sociais. “Fazem falta gestos físicos, expressões do rosto, silêncios, linguagem corpórea e até o perfume, o tremor das mãos, o rubor, a transpiração, porque tudo isso fala e faz parte da comunicação humana” (Francisco, 2020, n. 43).

A ausência de fisicalidade na comunicação digital, comenta Byung-Chul Han, torna tudo mais impessoal e frio, fazendo o outro desaparecer, enfraquecendo a vida em comunidade. “A ausência do olhar é corresponsável pela perda de empatia na era digital. [...] A falta do olhar leva a uma relação perturbada consigo mesmo e com os outros” (Han, 2023, p. 45).

## O DISCURSO DO CATOLICISMO ROMANO SOBRE A CULTURA DIGITAL

Nos últimos decênios, o catolicismo romano passou a adotar uma atitude positiva em relação às novas tecnologias de comunicação social e, conseqüentemente, à cultura digital. Em sua documentação oficial, o catolicismo romano tem reconhecido que a cultura digital, em si mesma, é boa, mas que é preciso promover uma educação e um comportamento ético que assegure uma presença plena, sobretudo hoje, nas redes sociais.

Em sua visão sobre a cultura gerada pelos meios de comunicação, o catolicismo romano espera que tal cultura auxilie na cooperação entre as pessoas. A Instrução Pastoral *Communio et Progressio* (1971, n.12) assim afirma:

Tais meios geram novas relações; surge uma nova linguagem, que torna o homem mais consciente de si mesmo e da pessoa do outro. A compreensão mútua e a boa vontade recíproca desabrocham naturalmente na justiça, na paz, na benevolência, na ajuda mútua, no amor e finalmente na comunhão. É por isso que os meios de comunicação social constituem um dos mais válidos recursos de que o homem pode usar para fomentar o amor, fonte de união.

Crê, também, que com a ajuda dos meios de comunicação o gênero humano pode ser mais livre. Podemos aplicar essa expectativa à cultura digital, uma vez que com o desenvolvimento da *internet* os bens culturais estão à disposição de um maior número de pessoas. É possível na atualidade registrar progressos no campo da educação, da formação e da instrução:

Novas oportunidades surgiram para a divulgação do ensino a todos os níveis; novas oportunidades sobretudo para a luta contra o analfabetismo e para a instrução elementar ou educação permanente. Muitos podem contribuir também para a promoção e libertação humana nos países menos desenvolvidos. Estabelecem e preservam, além disso, maior igualdade entre

os homens, de modo que todas as camadas sociais possam usufruir dos mesmos benefícios culturais e recreativos. Enriquecem finalmente o espírito, pondo-o em contacto, pelo som e pela imagem, com a realidade concreta, ou dando-lhe a possibilidade de reviver situações remotas, quanto a tempo ou lugar. E quando numa região não existe cultura literária, os cidadãos - conservando sempre o apreço pelos valores e costumes da sua cultura tradicional - terão mais rapidamente ao seu dispor os benefícios da sociedade moderna (CP, 1971, n. 20).

Um terceiro benefício que o catolicismo romano observa é a possibilidade da criação de redes entre as pessoas, a despeito de haver, também, eventualmente, comportamentos de autorreferencialidade. As redes digitais fazem com que as pessoas se tornem mais próximas e facilitam a criação de laços mais estreitos entre o gênero humano, numa espécie de “catolicidade comunicativa”. Devem ser consideradas igualmente importantes as possíveis coligações que uma pessoa é capaz de estabelecer sem sair do espaço em que vive.

Sobretudo, devemos lembrar que as redes sociais desempenharam um papel muito relevante na vida das pessoas que vivem sós, realidade que foi ainda mais potencializada com a Pandemia da Covid-19. Através das redes sociais, estão se constituindo grupos que ajudam as pessoas a superarem a solidão, sobretudo, as pessoas idosas.

Como podemos perceber, em seu discurso institucional, o catolicismo romano busca enxergar as múltiplas vantagens presentes na cultura digital, sem deixar de apontar suas limitações e efeitos negativos. Já o Concílio Vaticano II havia afirmado:

A Igreja católica, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo para levar a salvação a todos os homens, e por isso mesmo obrigada a evangelizar, considera seu dever pregar a mensagem de salvação, servindo-se dos meios de comunicação social, e ensina aos homens a usar retamente estes meios (*Inter Mirifica*, 1966, n. 3).

## O LUGAR DO SILÊNCIO NA CULTURA DIGITAL: ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO DO CATOLICISMO ROMANO

É inegável que por conta de sua capilaridade e inúmeros recursos, a cultura digital pode tornar possível a experiência da “catolicidade” que o catolicismo romano sempre propôs. Uma “catolicidade” feita de mútuas trocas e aprendizados entre as pessoas de todo o mundo; e de crescimento na reciprocidade e na solidariedade, sobretudo, às pessoas que passam por maiores pobreza e vulnerabilidades.

O catolicismo romano entende, assim, que a cultura digital incide não somente na sociedade, mas também, na própria experiência religiosa, em especial do próprio catolicismo.

Concebe, assim, que o catolicismo é o resultado da coligação entre os seus membros que buscam a comunhão, mediante um intenso exercício de comunicação. A comunicação e o diálogo se apresentam, assim, como fator constitutivo da experiência religiosa católica.

Ao se compreender como organismo dialogante, o catolicismo romano indica que seus membros precisam se comunicar e se unir às outras pessoas. Nesse sentido, a cultura digital vem colaborando para que o catolicismo romano questione e abandone o seu antigo modelo hierárquico-monológico (CP, 1971, n. 114-125).

O mesmo é possível afirmar com relação à sua concepção de anúncio. Ele não é mais concebido como tentativa de “persuadir outras pessoas” à adesão. Nesse sentido, o estar na cultura digital não deve ser entendido como o tomar posse de instrumentos que permitem ao catolicismo romano exercer uma função proselitista e/ou apologética. A comunicação realizada por seus membros deve ser concebida e exercida como um processo de diálogo que contribui para o aperfeiçoamento do espaço público.

Assim, o catolicismo romano tem proposto uma leitura teológica da cultura digital. Entendendo que não há autêntica comunicação humana que não esteja baseada no movimento comunicativo divino. A partir da sua “teologia da Encarnação” do Filho de Deus, o catolicismo romano entende que Jesus Cristo é um mestre de comunicação; é o fundamento e a razão do exercício comunicativo de cada membro do seu corpo eclesial:

O amor de Deus persistiu, apesar da aversão do homem. Foi Ele que desde o começo da história da salvação entrou em diálogo com os homens; chegada a plenitude dos tempos, Ele mesmo se nos comunicou diretamente, e “o Verbo se fez Carne”. Cristo, o Filho Encarnado, Palavra e Imagem de Deus invisí-

vel, pela sua morte e ressurreição, libertou o gênero humano, comunicando abundantemente a todos a verdade e a própria vida de Deus. Ele, único mediador entre o Pai e os Homens, reconciliou a Humanidade com Deus e restabeleceu a união entre os homens. A partir de então, é em Deus feito Homem, nosso Irmão, que se encontra o fundamento e protótipo da comunicação entre os homens. Ordenou em seguida aos Discípulos que levassem a Boa Nova aos Homens de todo o tempo e lugar, proclamando-a “à luz do dia” e “sobre os telhados” (CP, 1971, n. 10).

O catolicismo romano, assim, tem proposto a seus membros que se insiram no diálogo social, contribuindo, sobretudo, com a superação da unidimensionalidade da vida atual que nos faz assistir que o interesse de poucos se estende sobre a vida de muitos, fazendo com que esses vivam inevitavelmente, irremediavelmente e desesperadamente oprimidos e sem liberdade. Os membros do catolicismo romano são exortados a contribuir nesse diálogo social em busca da libertação integral da pessoa humana, da fraternidade/sororidade universal e da amizade social. Nesse sentido, afirma o Papa Francisco (2020):

Podemos buscar juntos a verdade no diálogo, na conversa tranquila ou na discussão apaixonada. É um caminho perseverante, feito também de silêncios e sofrimentos, capaz de recolher pacientemente a vasta experiência das pessoas e dos povos. A acumulação esmagadora de informações que nos inundam, não significa maior sabedoria. A sabedoria não se fabrica com buscas impacientes na internet, nem é um somatório de informações cuja veracidade não está garantida. Desta forma, não se amadurece no encontro com a verdade. As conversas giram, em última análise, ao redor das notícias mais recentes; são meramente horizontais e cumulativas. Mas, não se presta uma atenção prolongada e penetrante ao coração da vida, nem se reconhece o que é essencial para dar um sentido à existência. Assim, a liberdade transforma-se numa ilusão que nos vendem, confundindo-se com a liberdade de navegar frente a um visor. O problema é que um caminho de fraternidade, local e universal, só pode ser percorrido por espíritos livres e dispostos a encontros reais (n. 50).

## O LUGAR DO SILÊNCIO NA CULTURA DIGITAL: ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO DO CATOLICISMO ROMANO

Para o catolicismo romano, é preciso ajudar as pessoas a se relacionarem com a cultura digital. No Concílio Vaticano II, em conformidade com o modelo remetente-destinatário, *Inter mirifica* afirma que ambos têm responsabilidades. O “destinatário” deve preocupar-se em formar a sua consciência, praticar a moderação e a disciplina, buscar compreender em profundidade o conteúdo que é transmitido (*Inter Mirifica*, 1966, n. 8-10). Já o “remetente” deve ter preocupação com o bem comum e respeitar as leis morais (IM, 1966, n. 11).

Os processos comunicativos não são hoje mais compreendidos a partir de um modelo linear, fazendo com que o catolicismo romano tenha que, em seu discurso, repensar tais imperativos éticos. Na evolução dessa compreensão, ganha força o conceito de participação no diálogo. O catolicismo romano, assim, propõe a participação no diálogo como um dever que está ligado ao imperativo de contribuir responsavelmente na construção da vida em sociedade. Nesse sentido, por exemplo, o Código de Direito Canônico afirma que os membros do catolicismo romano têm o dever de comunicar a sua opinião (cân 212, §3).

Nesse sentido, não foi por acaso que o então Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais tenha produzido uma série de *instruções* sobre o tema da ética: na Publicidade (1997), nas Comunicações Sociais (2000), na Internet (2002). Mais recentemente, o agora Dicastério para a Comunicação publicou uma reflexão pastoral sobre a presença dos católicos romanos nas redes sociais. Nessa recente reflexão de 2023, afirma-se:

Quem está presente nas redes sociais é abordado de acordo com suas características, origens, gostos e preferências particulares, dado que os algoritmos por detrás das plataformas online e dos mecanismos de busca tendem a unir as pessoas que são “iguais”, agrupando-as e chamando sua atenção a fim de as manter online. Consequentemente, as plataformas das redes sociais podem correr o risco de impedir que seus usuários realmente se encontrem com o “outro”, que é diferente. Todos nós fomos testemunhas de sistemas automatizados que correm o risco de criar estes “espaços” individualistas e, às vezes, de encorajar comportamentos extremos. Discursos agressivos e negativos propagam-se fácil e rapidamente, oferecendo um campo fértil para a violência, o abuso e a desinformação. [...] Estar cientes destas ciladas ajuda-nos a discernir e desmascarar a lógica que polui o ambiente das redes sociais, e a procurar uma solução para este descontentamento digital (Rumo à presença Plena, 2023, n. 15-17).

É preciso perceber como a reflexão pastoral do Dicastério para a Comunicação convida os católicos romanos a um exame de consciência que seja capaz de produzir um “protocolo ético” que ensine a não ceder à emotividade, à espetacularização e à necessidade de exorcizar o mal encontrando imediatamente um “bode expiatório”. Tais comportamentos nas redes sociais podem ser nocivos, produtores de resultados nefastos. Um dos mais graves é o “espírito cismático” que só enfraquece a proposta do próprio catolicismo romano. A necessidade de encontrar imediatamente um “herege” a ser desmascarado e combatido publicamente quase nunca desempenha um serviço adequado à comunicação, à comunidade católica romana e à sociedade com a qual ela quer dialogar.

## O SILÊNCIO COMO PARTE DE UM PROCESSO COMUNICATIVO

O silêncio é o produto de uma ação humana e um componente fundamental da comunicação. Nela, som e silêncio coexistem e são inseparáveis. A presença do silêncio e do som, na comunicação, é expressão de uma opção humana que tem um significado. Do mesmo modo como a gama de sons percebidos e gerados pelo gênero humano é muito ampla, existe um número indeterminável de silêncios com significados muito distintos entre si. Nesse sentido, a comunicação é uma espécie de concerto, fruto de muitos sons e, ao mesmo tempo, de uma variedade de silêncios que dialogam entre si. Isso faz com que o silêncio não possa ser reduzido à noção de ausência de som. Ele mesmo é parte integrante da linguagem, é uma das tantas “formas” com as quais a pessoa se exprime.

A comunicação acontece sempre de maneira complexa, no sentido de que a pessoa humana não se limita a utilizar somente um tipo de sinal. Se usa a oralidade, modula contemporaneamente a voz, assume uma determinada posição no contexto que a circunda, adota um determinado comportamento utilizando as diversas partes do seu corpo, em particular o rosto.

Tal estado de coisas faz-nos compreender que quando a pessoa renuncia a emitir um som isto não equivale ao silêncio como ausência de comunicação, justamente porque existem outros sinais operando e que fazem com que a comunicação aconteça.

O silêncio na relação comunicativa tem uma dupla valência. Pode ser recusa, indiferença,

omissão, desprezo, destruição do outro e de nós mesmos. Mas pode ser, também, a expressão mais alta do diálogo com o outro, reservando ao outro o máximo da atenção e do acolhimento. Nesse sentido, Bento XVI (2012) afirma:

No silêncio, escutam-nos e conhecemo-nos melhor a nós mesmos, nasce e aprofunda-se o pensamento, compreendemos com maior clareza o que queremos dizer ou aquilo que ouvimos do outro, discernimos como exprimir-nos. Calando, permite-se à outra pessoa que fale e se exprima a si mesma, e permite-nos a nós não ficarmos presos, por falta da adequada confrontação, às nossas palavras e ideias. Deste modo abre-se um espaço de escuta recíproca e torna-se possível uma relação humana mais plena. É no silêncio, por exemplo, que se identificam os momentos mais autênticos da comunicação entre aqueles que se amam: o gesto, a expressão do rosto, o corpo enquanto sinais que manifestam a pessoa. No silêncio, falam a alegria, as preocupações, o sofrimento, que encontram, precisamente nele, uma forma particularmente intensa de expressão.

Examinando as funções do silêncio na comunicação cabe-nos destacar um outro aspecto importante e que determina a qualidade do silêncio. Cada cultura tem um modo próprio de interpretar e viver a experiência do silêncio. Ele pode ser, em algumas culturas, sinal de respeito e de sabedoria e, em outras, sinal de indiferença, de embaraço, de rejeição à participação.

Cada pessoa é fruto de comunicação, é constituída na comunicação e todos os seus comportamentos têm uma dimensão comunicativa. A comunicação é uma ação humana composta de diversos elementos que permitem que a pessoa conheça e exprima o seu próprio viver. Mas é preciso, também, que a pessoa compreenda o grande risco que corre ao se deixar guiar de maneira radical pela cultura a qual pertence: estar mergulhado num estilo de vida que não é, verdadeiramente, “seu”.

É aqui que o silêncio se apresenta como realidade de fundamental importância, desempenhando uma função de reflexão e aprofundamento da própria vida e permitindo que a pessoa não se deixe aprisionar ou alienar. O silêncio ajuda a pessoa a não viver uma

vida exclusivamente determinada pelos outros, pois não é capaz de atingir o que ainda não foi dito. Esse “não dito” é o silêncio que transcende as palavras, fazendo surgir palavras novas e autênticas.

Nesse sentido, é ilusório tentar circunscrever o poder comunicativo do silêncio. O processo comunicativo humano, com todas as suas formas, não pode ser considerado como uma realidade estática. A comunicação humana é um sistema aberto feito de palavras, gestos e silêncios.

É inegável, porém, que o gênero humano se constitui em virtude da palavra. Na vida humana, a palavra tem a supremacia sobre o silêncio. Mas a palavra tende a perecer quando perde a sua relação com o silêncio. Nesse sentido, as diversas expressões criativas do gênero humano nascem do silêncio, pois são fruto da insatisfação que o gênero humano tem à sua disposição.

No contexto cultural atual, contudo, o gênero humano está circundado de sons e de ruídos, o silêncio quase não faz mais parte da gramática da vida cotidiana, tendo sido sistematicamente deslocado para espaços privados, alguns dos quais vinculados à experiência religiosa (mosteiros, casas de retiro, espaços de bem-estar, são alguns exemplos). Nem mesmo os lugares de contemplação da natureza, como montanhas, bosques, enseadas, estão imunes à poluição sonora que marca o ritmo da vida atual.

Esse “exílio do silêncio”, porém, não é fruto exclusivo do desenvolvimento de um estilo de vida frenético, nem de uma sociedade habitada por máquinas que trabalham continuamente e, nem mesmo, de uma comunicação concebida como “conexão permanente” à rede. Ele encontra suas raízes, também, na dificuldade que a pessoa humana tem em viver o silêncio.

Para alguns, o silêncio traz consigo a necessidade de se deparar com o mistério do invisível, do não tangível, desencadeando uma diversidade de experiências, inclusive, a do medo. Para outros, o silêncio está associado à morte, aos limites humanos, às situações em que o gênero humano não consegue proferir palavras, sentindo-se incapaz de dizer algo que faça sentido. Para alguns outros, o silêncio está associado ao limite de se perceber pequeno e insignificante em relação a realidades que são muito maiores. O silêncio se apresenta como a atitude mais oportuna diante da experiência de desproporção.

Por milhões de anos o gênero humano viveu em ambientes dominados pelo silêncio, onde os únicos sons que o circundavam eram o dos animais e o das forças da natureza. Isso fez

com que os sons dos grandes eventos da natureza passassem a ter um valor sagrado e fossem vinculados à obra dos deuses.

A “autoridade sagrada” e indiscutível em produzir sons fortes, no curso da história, foi sendo gradualmente vinculada a outras “entidades” indiscutíveis: a guerra, a religião, a revolução industrial e, mais recentemente, à cultura digital com a sua consequente poluição sonora que faz com que os lugares e, sobretudo, a experiência do silêncio esteja gradualmente se perdendo.

Do ponto de vista comunicativo, o gênero humano experimenta uma superexposição à comunicação. A própria ideia de estar conectado permanentemente à rede parece negar a possibilidade de espaços de reflexão pessoal. A contínua interrupção de atividades para controlar mensagens, responder solicitações – que é exaltada como evolução verso um indivíduo multifuncional – traz consigo a perda de concentração, de capacidade de análise e de aprofundamento. A pessoa humana está privada da possibilidade de estar consigo mesma numa experiência silenciosa.

À medida em que o silêncio não é frequentado, ele é visto com temor e como realidade a ser evitada. Uma das expressões mais comuns desse comportamento é o crescente número de pessoas que se isolam com fones de ouvidos criando espaços pessoais acústicos que, em muitas situações, denotam a vontade de não querer entrar em diálogo com os outros. A experiência do silêncio tem pouco espaço na cultura digital, tendo sido relegada, por exemplo, a breves momentos fúnebres e algumas celebrações religiosas (muitas dessas, na atualidade, paradoxalmente muito barulhentas).

## O LUGAR DO SILÊNCIO NO DISCURSO RELIGIOSO CATÓLICO ROMANO

O catolicismo romano acolhe a sabedoria, presente em muitas tradições religiosas – como por exemplo, a teologia judaica ou a teologia apofática cristã –, que se recusam a usar uma palavra para nomear Deus. Deus é o silêncio que supera nossas palavras. Não é representável com nossas palavras. Quando temos a pretensão de fazê-lo, negamos imediatamente e radicalmente a sua realidade. Construimos ídolos.

Em seus Escritos Sagrados, o catolicismo romano encontra a representação de Deus como Aquele que fala ao seu povo, mas também, Aquele que permanece em silêncio. O silêncio é a

forma mais eloquente da revelação cristã e, conseqüentemente, o instrumento mais eloquente para colher tal revelação é a adoração silenciosa (Cf. Bíblia de Jerusalém, 2004, Sl 65,2, p. 928). Encontra-se, assim, o catolicismo romano numa espécie de paradoxo, pois o silêncio parece ser a linguagem mais adequada para relacionar-se com Deus e louvá-lo. Nos textos sagrados judaico-cristãos, o tema do silêncio se apresenta como amplo e complexo. Cabe-nos aqui sublinhar como o silêncio para o discurso religioso católico romano seja grávido de expectativas, significados, incertezas, dúvidas, esperanças, medos, ambigüidades. Destacamos, em especial, a sua função de proteger os membros do catolicismo romano da banalização da palavra.

Em seu discurso religioso, o catolicismo romano tem defendido que o silêncio humano nasce no momento em que a pessoa compreende a distância entre ela e Deus. Se tal distância for percebida como temor, a pessoa tenderá a preencher essa distância com um multiplicar-se de práticas religiosas e de palavras inúteis (Cf. Bíblia de Jerusalém, 2004, Mt 6,7, p. 1713). Se essa distância for percebida como estupor da criatura que se surpreende com o dom e o mistério da vida, o silêncio torna-se canto de louvor (Cf. Bíblia de Jerusalém, 2004, Lc 1,47-48, p. 1788).

Assim, em seu discurso atual, o catolicismo tende a não entender o silêncio tanto como mortificação da pessoa humana, mas sim, como premissa de um evento, de um encontro, de um diálogo, isto é, predisposição a acolher. Sendo assim, o silêncio é condição existencial para a possibilidade de ouvir a voz de Deus. Circundada de silêncio, a pessoa ouve melhor.

A cultura digital tem como característica transformar o utente em protagonista na construção de conteúdos. Cada pessoa pode escrever o que pensa, “postar” as próprias imagens, carregar vídeos de própria produção, compartilhar *links* e arquivos, numa explosão de possibilidades comunicativas. Nesse sentido, é preciso entender que na cultura digital não há espaço para o silêncio. As redes sociais são concebidas para funcionarem num fluxo de comunicação continuamente pulsante. Miríades de miríades de palavras orais, escritas, icônicas, num movimento contínuo de *up* e *down-loading*. As redes sociais tornaram-se o centro nervoso da atividade humana, num movimento que não cessa.

Nesse fluxo de informações<sup>6</sup>, não haverá espaço para o silêncio, se as redes não forem concebidas como um espaço humano. Isto é, não um ambiente anônimo e ascético, mas um âm-

6 Para Byung-Chul Han a hipercomunicação promovida pelas redes sociais “reprime o livre-espaço do silêncio e da solidão, unicamente no qual seria possível dizer coisas que realmente valeria a pena serem ditas” (Han, 2022, p. 108), possibilitando uma barulheira que impede a escuta.

bito antropológicamente qualificado. As redes sociais não estão separadas da vida humana, mas interconectadas com ela. É aqui que o discurso religioso do catolicismo romano encontra uma das suas importantes bases para falar sobre a importância do silêncio.

Nesse sentido, em 2013, Bento XVI escolheu o paradigmático tema para a XLVII Jornada Mundial das Comunicações Sociais: *Redes Sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização*. No ano precedente, ele já tinha se ocupado com o tema do silêncio e afirmava:

Quando palavra e silêncio se excluem mutuamente, a comunicação deteriora-se, porque provoca um certo aturdimento ou, no caso contrário, cria um clima de indiferença; quando, porém se integram reciprocamente, a comunicação ganha valor e significado. O silêncio é parte integrante da comunicação e, sem ele, não há palavras densas de conteúdo (Bento XVI, 2012).

285

Ele conclui convidando os católicos romanos a uma autoeducação à comunicação através das práticas de escuta e da contemplação silenciosa. Propondo, assim, que silêncio e palavra sejam entendidos como elementos integrantes do agir comunicativo humano:

Palavra e silêncio. Educar-se em comunicação quer dizer aprender a escutar, a contemplar, para além de falar [...]: silêncio e palavra são ambos elementos essenciais e integrantes da ação comunicativa” (Bento XVI, 2012).

Tal desejo do catolicismo romano deve, porém, ser confrontado com a realidade. Como dissemos, o silêncio não tem espaço nas redes sociais. Quando o silêncio ocorre é sinal de um problema técnico ou de uma interrupção: o silêncio das máquinas.

As redes sociais podem ser oportunidade para indagar e buscar compreender a vida humana, mas não compete às tecnologias darem um sentido à vida humana. Aqui cabe uma reflexão mais crítica às práticas católicas romanas ou, ao menos, de católicos romanos, que

visam apenas “colonizar” as redes sociais com bons pensamentos, imagens edificantes, vídeos construtivos, canções religiosas, dentre outras iniciativas. Devemos constatar que todas essas coisas são boas, mas não fazem outra coisa a não ser aumentar a quantidade de “palavras” que excedem nas redes sociais e não fomentam o silêncio.

O silêncio tem um papel determinante na mudança da vida de uma pessoa; e é a vida que pode mudar certas lógicas presentes nas redes sociais. Uma pessoa que encontrou o silêncio se preserva da banalidade das palavras e torna-se livre, independente da escravização imposta pelas redes sociais. Nesse sentido, em seu discurso religioso, o catolicismo romano deve investir numa presença plena, que não se limite a “atitudes piedosas” nas redes sociais, mas que seja capaz de desmascarar as lógicas coloniais e escravizantes.

É preponderante traduzir para os dias atuais o que Paulo chama de nova vida em Cristo, uma existência humana com sentido e esperança, capaz de amar e perdoar, de relativizar as tribulações e os sofrimentos, de experimentar a alegria de fazer o bem, de injetar amor nas relações humanas, de experimentar a liberdade em meio a tantas pressões do ambiente e, sobretudo, de viver a alegria do amor, realização plena do coração humano (Gripp, 2023, p. 96).

A comunicação eclesial deve, portanto, ser concebida como um lugar teológico de escuta e de comunhão, resgatando sua dimensão essencialmente relacional e participativa. Nesse contexto, torna-se imperativo superar o individualismo pastoral, que se apresenta como um dos maiores obstáculos à verdadeira comunhão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, tomando como pressuposto que o “exílio do silêncio” na cultura digital não é fruto somente de fatores de desenvolvimento social e tecnológico, mas também, de fatores culturais, buscou propor o caminho de reflexão e as linhas fundamentais do discurso religioso do catolicismo romano, nas últimas décadas. Buscamos afirmar que o silêncio hu-

mano é misterioso, mas ao mesmo tempo, é parte integrante do seu processo comunicativo e pode ter uma dimensão contemplativa e predispor ao acolhimento do outro.

Tudo isso na tentativa de refletir sobre qual espaço tem, na cultura digital, a palavra e o silêncio. As redes sociais deram expressividade aos indivíduos, foram ocupadas por palavras e vozes que falam sobre tudo. Embora seja necessário reconhecer que nas redes sociais não haja espaço para o silêncio, uma vez que elas são constituídas como fluxo contínuo de comunicação, o artigo procurou demonstrar como, em seu discurso religioso, o catolicismo romano vem colocando o acento na qualidade da palavra. Quem vive a Palavra que, para o catolicismo romano, é o próprio Filho de Deus humanado, tem capacidade de uma presença plena e sincera nas redes sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI. *Mensagem para o XLVI Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Silêncio e palavra: caminho de evangelização (20 de maio de 2012). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20120124\\_46th-world-communications-day.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20120124_46th-world-communications-day.html). Acesso em: 15 set. 2024.

BENTO XVI. *Mensagem para o XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Redes Sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização (12 de maio de 2013). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20130124\\_47th-world-communications-day.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html). Acesso em: 15 set. 2024.

*BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Nova edição, revista e ampliada, 3ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2004.

CHIALÀ, Sabino. *Silenzi*. Ombre e luci del tacere. Ed. Qiqajon: Magnano, 2010.

*CÓDIGO de Direito Canônico*. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf). Acesso em: 15 set. 2024.

COMISSÃO PONTIFÍCIA PARA OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. *Instrução Pastoral Communio et Progressio sobre os meios de Comunicação Social*. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_doc\\_23051971\\_communio\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html). Acesso em: 15 set. 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Inter mirifica sobre os meios de Comunicação Social*. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19631204\\_inter-mirifica\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html). Acesso em: 15 set. 2024.

DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. *Rumo à presença plena*. Uma reflexão pastoral sobre a presença nas redes sociais (28 de maio de 2023). Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/dpc/documents/20230528\\_dpc-verso-piena-presenza\\_pt.html](https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html). Acesso em: 15 set. 2024.

DÍEZ, Felicíssimo Martínez. *Teologia da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997.

FLORIDI, Luciano. *The Fourth Revolution*. How the Infosphere is Reshaping Human Reality. New York: Oxford University Press, Eletronic Version - Kindle 2014.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti* (3 de outubro de 2020). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em: 15 set. 2024.

GRIPP, Andréia. *Infopastoral*. O agir pastoral numa sociedade em transformação. São Paulo: Paulus, 2023.

HAN, Byung-Chun. *A expulsão do outro*. Sociedade, percepção e comunicação hoje. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chun. *Favor fechar os olhos*. Em busca de um outro tempo. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chun. *Não-coisas*. Reviravoltas do mundo da vida. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chun. *Sociedade do Cansaço*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

KUNSCH, Waldemar Luiz. *O verbo se faz palavra*. Caminhos da comunicação eclesial católica, São Paulo: Paulinas, 2001.

MORAES, Abimar O.; SOUZA, Andréia D. Gripp. *O Decreto Inter mirifica e sua importância na evolução da relação entre Igreja e Comunicação*. Revista Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v.27, n.72, p. 299-311, jul./dez.2023, p. 303.

PAULO VI. *Paroles du Saint-Père à l'occasion de sa visite à la Basilique de L'Annonciation à Nazareth* (5 de janeiro de 1964). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/fr/speeches/1964/documents/>

## O LUGAR DO SILÊNCIO NA CULTURA DIGITAL: ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO DO CATOLICISMO ROMANO

hf\_p-vi\_spe\_19640105\_nazareth.html. Acesso em: 15 set. 2024.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Ética da Publicidade. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_doc\\_22021997\\_ethics-in-ad\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22021997_ethics-in-ad_po.html). Acesso em: 15 set. 2024.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Ética nas Comunicações Sociais. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_doc\\_20000530\\_ethics-communications\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20000530_ethics-communications_po.html). Acesso em: 15 set. 2024.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Ética na Internet. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_doc\\_20020228\\_ethics-internet\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_ethics-internet_po.html). Acesso em: 15 set. 2024.

SOUZA, Andréia D. Gripp. *Infopastoral: diálogo entre fé e cultura digital. Uma análise a partir de documentos do Magistério da Igreja*. Rio de Janeiro, 2022. 229p. Tese (doutorado). Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.